

Processos civilizadores e seus recortes temporais de análise na tendência de aceleração social

Ana Flávia Braun
Vieira¹,

Miguel Archanjo de
Freitas Junior²



Civilizing
processes and
their time frames
of analysis in the
context of social
acceleration

¹ Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: ana.braun@yahoo.com.br

² Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: mfreitasjr@uepg.br

Resumo

Este ensaio discute a noção de tempo em Norbert Elias, articulando-a à aceleração social experienciada pelas sociedades modernas, buscando ponderar sobre a perspectiva temporal adequada à análise de processos civilizadores nesses contextos. Para tanto, tais elementos foram discutidos com base nos referenciais teóricos de Elias, complementados por conceitos e exemplos empíricos apresentados por outros pesquisadores. Além de apresentar três possibilidades para a análise das transformações comportamentais que os processos de civilização implicam (adequação, segunda natureza e habitus, realizadas em curta, média e longa durações, respectivamente), o ensaio fomenta também uma reflexão sobre o significado de longa duração no contexto da aceleração.

Palavras-chave: Norbert Elias; Processo Civilizador; Aceleração social; Estabilidade dinâmica; Recorte temporal.

Abstract

This essay discusses the notion of time in Norbert Elias, with the social acceleration experienced by modern societies, seeking to consider the appropriate time frames for the analysis of civilizing processes in these contexts. To this end, these elements were discussed based on Elias' theoretical references, complemented by concepts and empirical examples presented by other researchers. In addition to presenting three possibilities for the analysis behavioral of the transformations that the processes of civilization imply (adequacy, second nature and habitus, carried out in short, medium and long-term, respectively), the essay also encourages a reflection on the meaning of long-term in the acceleration context.

Keywords: Norbert Elias; Civilizing process; Social Acceleration; Dynamic Stabilization; Temporal perspective.

Introdução

A teoria dos processos civilizadores, desenvolvida por Norbert Elias (1897-1990), é um referencial teórico-metodológico que permite a investigação de uma variada gama de fenômenos sociais em diferentes figurações³. Sua especificidade está na abordagem interdependente no estudo das estruturas sociais (sociogênese) e de personalidade (psicogênese). Buscando compreender a transformação do *habitus*⁴ guerreiro em cortesão, ocorrido na passagem da Idade Média para a Renascença, o autor elaborou um conjunto de noções que permitem investigar as mudanças que levaram os indivíduos e as sociedades a desenvolver um padrão determinado para as relações sociais e emocionais, diante de outras alternativas possíveis (ELIAS, 2011).

Para escrever *O processo civilizador*⁵, publicado em 1939, Elias realizou estudos comparativos de longa duração⁶, tomando como caso paradigmático a sociedade de corte – especialmente a francesa. O sociólogo partiu da premissa que a noção do que é ser “civilizado” havia mudado ao longo da história ocidental e procurou investigar “Como ocorreu realmente essa mudança, esse processo ‘civilizador’ do Ocidente? Em que consistiu? E quais foram suas causas ou forças motivadoras?” (ELIAS, 2011, p. 13).

Entre outros achados importantes, Elias percebeu que a vinculação das pessoas na corte perpassava também a necessidade de dinheiro e de prestígio. Entendendo que o medo dos cortesãos terem sua importância social reduzida era o fator preponderante para a adequação comportamental, identificou o que chamou de

³ Para explicar apropriadamente a relação interdependente entre indivíduo e sociedade, Elias desenvolveu o conceito de figuração, sintetizado por Chartier (1988, p. 100) como “uma formação social cujo tamanho pode ser muito variável [...] em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões” (CHARTIER, 1988, p. 100). São exemplos de figurações: uma família, alunos em uma escola, trabalhadores em uma vila operária, membros de uma religião, uma nação, etc.

⁴ Propriedade comum dos indivíduos que “formam entre si uma determinada unidade de subsistência, por exemplo uma tribo ou Estado. Eles são herdeiros não só de uma linguagem específica, mas também de um modelo específico de civilização e, portanto, de formas específicas de autorregulação, que eles absorvem mediante o aprendizado de uma linguagem comum e nas quais, então, se encontram: no caráter comum do *habitus* social, da sensibilidade e do comportamento dos membros de uma tribo ou Estado nacional” (ELIAS, 2006, p. 23).

⁵ Para Rojas (1998, p. 19), a teoria dos processos civilizadores é um marco geral de referência na trajetória intelectual de Elias.

⁶ Elias (2006) não determinou temporalmente o que considerava longa duração, apenas indicou a necessidade de tomar ao menos três gerações para a observação de mudanças estruturais.

universais sociais dos processos civilizadores: a transformação da “coação social à autocoação e a apreensão de uma autorregulação individual” (ELIAS, 2006, p. 22).

No estudo de caso realizado por Elias, a opção pela longa duração – em detrimento das tendências de seu tempo – foi motivada, entre outros fatores, pela forma como historiadores e sociólogos “tinham-se deixado fascinar durante muito tempo pelo único, o acidental (o indivíduo, o evento, o caso singular)” (REVEL, 2010, p. 346) – daí os embates do autor a favor de pesquisas de longa duração. Para além de seu anseio de realizar uma “história das estruturas” (CHARTIER, 2001, p. 92), foram as características da figuração analisada que demandaram uma perspectiva de longo prazo para a observação do problema de pesquisa proposto. No contexto da pesquisa de Elias (1993, 2011), que envolveu a lenta passagem de um nível de integração feudal para o cortês, as transformações sociais e comportamentais só poderiam ser visualizadas se perspectivadas em longa duração – afinal, a própria configuração da experiência temporal é específica da figuração que a engendra (ELIAS, 1998) e não pode ser desconsiderada durante as escolhas metodológicas.

Acerca das especificidades da configuração temporal em uma e outra figuração, como um desdobramento de seus estudos sobre processos civilizadores, Elias escreveu também *Sobre o tempo*. Nesta obra, buscando saber com que objetivo os humanos necessitam determinar o tempo, demonstrou que este “faz parte dos símbolos que os homens são capazes de aprender e com os quais, em certa etapa da evolução da sociedade, são obrigados a se familiarizar, como meios de orientação” (ELIAS, 1998, p. 20). Na visão do autor, o tempo está relacionado às propriedades simbólicas de um grupo humano específico em dado tempo e lugar, o que significa dizer que ele não possui uma significação partilhada entre todos os seres humanos, antes é resultado das demandas de sincronização específicas de cada formação social.

Nesse sentido, as investigações com recortes situados temporalmente após a Revolução Francesa e a Revolução Industrial devem levar em consideração em suas análises as grandes transformações sociais e psicológicas decorrentes destas, que implicaram em rápidas e constantes mudanças, principalmente em relação à política e ao ritmo da vida humana (PALERMO, 2017). Essas e outras transformações que levaram à atual configuração do capitalismo, contribuindo para o “aumento da produção (ou produção de valor) por unidade de tempo” e, portanto, para a aceleração social (ROSA, 2017).

De acordo com Rosa (2017), do século XVIII em diante, praticamente todas as atividades passaram a ser dependentes da expectativa de aumento de lucro, independentemente de sua natureza. No entanto, os sujeitos modernos nunca simplesmente ‘tem’ os recursos que precisam; a posição social alcançada precisa ser constantemente assegurada. Os sujeitos modernos, portanto, precisam sempre aumentar, otimizar e melhorar, pois estão prestes a decair (ROSA, 2017). Nesse movimento, as pessoas se sentem sempre “descendo”, sendo necessária uma busca contínua de formas de melhorar suas posições. Como consequência, a lógica da competição instaura o medo da perda de prestígio.

Isso posto, entende-se que o que leva um sujeito moderno a aumentar “sistematicamente o número de atos ou ações praticadas por unidade de tempo, assim como a tendência a fazer mais coisas ao mesmo tempo e reduzir as pausas e intervalos entre as tarefas realizadas” (MAIA, 2017, p. 124) é o medo de perder a posição social. Para evitar que isso ocorra, tal qual nas sociedades de corte estudadas por Elias, os indivíduos precisam se adequar às demandas de suas redes de interdependência – no caso das sociedades modernas ocidentais, adquirir uma subjetividade ancorada na lógica de aumento incessante. Resultado disso é uma estabilidade pautada na dinâmica das relações, que se aceleram cada vez mais para garantir a manutenção do *status quo* (ROSA, 2017).

Os elementos acima expostos fomentam uma importante discussão envolvendo os objetos de pesquisa investigados sob o ponto de vista da teoria dos processos civilizadores e os recortes temporais de análise. Quanto mais a tendência de aceleração⁷ torna-se regra na sociedade contemporânea, potencialmente, maior a plasticidade dos comportamentos ao ritmo das transformações estruturais (VIEIRA, 2020). Considerando que as pessoas realizam cada vez mais atividades em menor intervalo de tempo, interessa também apreender essas velozes transformações. Nesse sentido, ao estudar processos civilizadores posteriores ao século XVIII, é possível utilizar perspectivas temporais de investigação diferentes da longa duração adotada por Elias?

Para desenvolver essa questão foi trabalhada a noção de tempo em Elias, articulando-a ao contexto de estabilidade dinâmica experienciado pelas sociedades

⁷ A expressão “tendência” foi adotada dada a possibilidade de sua reversibilidade. Ademais, cada figuração possui uma história de desenvolvimento próprio e, portanto, uma referência temporal específica das relações sociais e emocionais que as engendram.

urbano-industriais modernas, buscando ponderar sobre as temporalidades de análise de processos civilizadores. Embora Elias tenha deixado indícios, não abordou diretamente a tendência de aceleração aqui problematizada. Por essa razão, como complemento aos referenciais eliasianos, esta pesquisa bibliográfica valeu-se também das considerações de Hartmut Rosa sobre aceleração social⁸ – acrescidas, quando necessário, por comentários de outros pesquisadores interessados nas relações entre desenvolvimento social e percepção temporal.

Além de realizar uma importante discussão sobre a construção da percepção temporal e suas implicações nos processos de desenvolvimento sociais e emocionais, espera-se com esse ensaio teórico estimular que mais pesquisadores da Ciências Humanas e Sociais utilizem o referencial teórico-metodológico proposto por Elias na teoria dos processos civilizadores, ao demonstrar que, na tendência de aceleração social, seu estudo pode ocorrer sob recortes temporais inferiores aos originalmente propostos pelo autor – correspondendo às especificidades do objeto em análise e do problema de pesquisa. Como consequência disso, espera-se também contribuir para uma renovação temática, uma vez que a adoção da teoria em diferentes recortes temporais possibilita o estudo do mesmo fenômeno social por diferentes prismas.

O tempo no contexto da aceleração social

As concepções de tempo são mutáveis, tal qual as sociedades que as engendram. Produto e produtor das relações sociais e emocionais que o definem, o tempo – enquanto conceito – representa “a relação que um grupo humano (...) estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência e padrão de medida” (ELIAS, 1998, p. 39-40). Ao longo do desenvolvimento das sociedades humanas, tais padrões de medida foram

⁸ Diversos foram os cientistas humanos e sociais que se dedicaram ao estudo da relação entre tempo e configuração social. A opção pelas considerações de Hartmut Rosa deu-se em razão deste, entre outros referenciais teóricos, partir dos postulados de eliasianos sobre a interdependência entre estrutura social e ritmo de vida para o desenvolvimento de sua tese acerca da aceleração social (ROSA, 2019). Por isso, de maneira análoga a Elias, Rosa enfatiza que “as mudanças na consciência subjetiva do tempo, na experiência e na percepção estão dialeticamente relacionadas a transformações socioculturais mais amplas” (VOSTAL, 2014, p. 236, tradução nossa). Ademais, uma vez que as sociedades são múltiplas e dinâmicas, um importante elemento comum entre os autores diz respeito à ciência da reversibilidade dos processos. Na concepção de Rosa, a aceleração de âmbitos singulares do campo social não é um processo universal e único – uma vez que existem processos que desaceleram ou que resistem à aceleração (MAIA, 2017).

múltiplos: inicialmente, fenômenos naturais (como o nascer ou o pôr do Sol, por exemplo) eram os padrões para a regulação das atividades sociais; mas à medida em que as sociedades foram se complexificando, foi necessário desenvolver instrumentos de padronização cada vez mais precisos. Entende-se, dessa maneira, que às particularidades estruturais de cada estágio de desenvolvimento de uma sociedade corresponde uma concepção específica de tempo.

Elias (1998), em uma perspectiva comparativa, demonstrou, a partir de uma série de exemplos, as diferenças de precisão e controle do tempo entre sociedades primitivas e sociedades-Estado. Inicialmente, as formas de mensuração do tempo eram múltiplas, específicas das necessidades de cada grupo humano. Com a ampliação das unidades territoriais, o aumento da divisão funcional e de dependência mútua entre os indivíduos, bem como a monopolização da violência e da tributação por meio da centralização do poder⁹, foram criados instrumentos como o relógio, que permitiam sincronizar múltiplas atividades sociais, independentemente de uma cultura local.

Se, conforme Elias (1998, p. 59) afirmou, a imagem que os indivíduos têm de si é relativa ao patrimônio de saber que dispõem e de suas experiências com o mundo, a forma como o tempo é concebido – incluindo seu caráter coercitivo para a harmonização de comportamentos –, é parte integrante da constituição psicológica das pessoas e interfere na forma como essas se comportam. Nas palavras do autor, “A noção de ‘tempo’ remete a alguns aspectos de fluxo contínuo de acontecimentos em meio aos quais os homens vivem, e dos quais eles mesmos fazem parte”.

No caso das sociedades modernas, posteriores à Revolução Francesa e Industrial¹⁰, o tempo é uma instituição cada vez mais precisa. Inicialmente contado em horas, agora em minutos e segundos, sua função reguladora cada vez mais estrita é interiorizada, desde a primeira infância, a partir de um conjunto de pressões externas (ELIAS, 1993). Assim, ao longo da vida, um indivíduo é coagido pelas diversas redes de interdependência das quais faz parte a sincronizar suas ações às demandas de

⁹ Elementos apontados por Elias como mecanismos dos processos civilizadores (ELIAS, 1993, 2011).

¹⁰ De acordo com Palermo (2017, p. 309), a Revolução Francesa fez “emergir transformações rápidas e constantes num curto período de tempo, sobretudo no que toca à política, uma vez que esse período experimentou alternâncias e alternativas de poder num curto espaço de tempo”. Já a Revolução Industrial alterou a velocidade da vida humana, visto que ela fez “as cidades funcionarem num ritmo que contribuía para a intensificação da ‘vida nervosa’, o que promoveu transformações sociais de grande vulto na passagem do século XVIII e XIX, produzindo nas pessoas uma mudança cognitiva em relação ao cotidiano”.

tais círculos sociais. É interessante notar que a internalização de um tempo socialmente determinado é, em si, um processo civilizador. As coerções externas para que chegue no horário, para que termine a tarefa em tempo, para que escove os dentes três vezes ao dia, para que dedique quatro dias da semana para se exercitar, para que case antes dos 30 e tenha filhos, entre outras demandas sociais, vão sendo paulatinamente interiorizadas, constituindo o que Elias chamou de “segunda natureza”¹¹.

Independentemente da formação social, existirão expectativas dirigidas pelos indivíduos a si próprios e/ou pelos outros que se tornam obrigações, as quais as pessoas sentem que devem cumprir. Para o autor, “O que se modifica no curso de um processo civilizador, antes de mais nada, são esses tipos de regulação e a maneira como eles são integrados” (ELIAS, 1998, p. 23). Nessa perspectiva, o que diferente entre os estágios mais ou menos desenvolvidos do processo civilizador são as relações sociais e emocionais que engendram a concepção de tempo – incluindo o percentual de atividades realizadas por unidade de tempo – e a forma como tais pressões externas são internalizadas.

Nas sociedades modernas, altamente industrializadas, “o ‘tempo’ tem caráter de uma instituição social, de uma instância reguladora dos acontecimentos sociais, de uma modalidade de experiência humana” (ELIAS, 1998, p. 93), pois aquele que não ajusta o próprio comportamento à velocidade das transformações de sua época, incorre na possibilidade de perder oportunidades de sucesso social. O medo da degradação é o que torna frequente entre

os membros das nações industrializadas sentirem uma necessidade quase irresistível de saber que horas são, pelo menos aproximadamente. Essa necessidade, essa consciência onipresente do tempo, é tão premente, que a maioria dos que vivem nessas sociedades quase não consegue, ou não conseguem em absoluto, imaginar que sua própria percepção de tempo não seja compartilhada por toda parte (ELIAS, 1998, p. 109).

Atualmente, a percepção partilhada entre os indivíduos urbano-industriais é o da aceleração, configuração de tempo característica das sociedades modernas¹².

¹¹ Padrão de hábitos semiautomáticos que se desenvolve no interior de cada indivíduo em correspondência à estrutura social da qual faz parte (ELIAS, 1993, 2011).

¹² A aceleração técnica possibilita a aceleração do ritmo de vida, uma vez que permite a realização de um maior número de atividades por unidade de tempo. No entanto, não é possível afirmar indiscriminadamente que tudo na sociedade moderna é acelerado. Há uma série de processos que “se

Para Elias (1976, p. 337 apud ROSA, 2019, p. 15), a “relação entre o tamanho e a pressão interna da rede de interdependência, de um lado, e, de outro, a condição psíquica do indivíduo, é o que chamamos de ‘velocidade’ do nosso tempo”. Entende-se, dessa maneira, que a quantidade de ações realizadas por unidade de tempo é decorrente das pressões sociais das figurações que um indivíduo faz parte.

No caso das sociedades modernas, suas estruturas temporais são marcadas pela estabilização dinâmica. De acordo com Rosa (2017, p. 437, tradução nossa), isso significa dizer que elas sistematicamente requisitam “crescimento, inovação e aceleração para manter sua ordem socioeconômica e institucional”. Sua reprodução estrutural ocorre por meio do crescimento econômico, da aceleração tecnológica e/ou de taxas mais elevadas de inovação cultural. Essa produção incessante e a busca por lucros cada vez maiores têm alterado o ritmo de vida das pessoas – uma vez que a reprodução da lógica capitalista nas relações humanas vai muito além da esfera econômica, implica também em mudanças periódicas nas principais esferas da vida social.

Na concepção de Rosa (2019), a sociedade moderna pode ser entendida como “sociedade da aceleração”. Recordes de velocidade são constantemente quebrados no esporte, novos modelos de computador e celulares não param de surgir, e-mails e mensagens em aplicativos são enviados a todo instante e já não há estabilidade no mercado de trabalho, exigindo constante atualização. Ademais, “a duração do sono e das refeições parece diminuir constantemente nas sociedades ocidentais modernas, enquanto a troca de parceiros sexuais, de residência, de associações, assim como os ciclos da moda se tornam cada vez mais rápidos” (ROSA, 2019, p. 126). A aceleração, entendida como aumento de quantidade por unidade de tempo, apresenta-se em três diferentes formas: a aceleração técnica, a aceleração das transformações sociais e a aceleração do ritmo da vida.

A aceleração técnica de processos direcionados a um objetivo caracteriza tanto “o movimento mais rápido de pessoas, bens e informações (...), mas também a *produção* mais veloz de bens, a transformação mais ágil de matéria e energia e, embora em menor proporção, a aceleração dos serviços” (ROSA, 2019, p. 144 – grifo

tornam mais lentos (especialmente desagradáveis no engarrafamento do trânsito ou das reformas políticas), enquanto outros oferecem resistência tenaz a toda tentativa de aceleração (os processos mais sensíveis são os relativos ao corpo humano, como a gravidez ou resfriados)” (ROSA, 2019, p. 47-48).

do autor). Tal fenômeno influencia na aceleração da transformação social, modificando práticas e orientações de ação, bem como modelos de relação. Segundo Rosa (2019, p. 152 – grifo do autor), fenômenos como a crescente velocidade de obsolescência e de inovações contribui para um “*aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras de ação*” e para o “*encurtamento dos intervalos de tempos que, para cada esfera funcional, de valor e de ação, podem ser determinados como presente*”¹³.

Essa adequação constante de expectativas em intervalos cada vez menores tem como reação provável a intensificação do ritmo da vida – caracterizada pelo aumento de episódios de ação/experiência por unidade de tempo e pela redução e/ou eliminação das pausas entre uma atividade e outra. Esse adensamento de episódios de ação pode ser verificado empiricamente por meio da “diminuição da duração das refeições, do sono ou do tempo médio de comunicação na família, e ainda tentativas de reduzir a duração total, seja de uma visita ao cinema, de uma festividade ou de um enterro” (ROSA, 2019, p. 155). Há ainda uma terceira característica da intensificação do ritmo de vida: a realização simultânea de diversas atividades, também conhecida como *multitasking*. Para Rosa (2019),

Uma vez que a intensificação do ritmo de vida deve ser entendida como consequência de um escasseamento de recursos temporais, significando que o aumento da “quantidade” de ações ultrapassa o aumento técnico da velocidade de execução, ela se manifesta (...) *subjetivamente* num aumento do sentimento de carência de tempo, de pressão temporal, da estressante obrigação de aceleração, além do medo de “não conseguir acompanhar o ritmo” (ROSA, 2019, p. 156 – grifo do autor).

Essas três formas de aceleração social, aqui apresentadas em suas características elementares, interagem de forma circular, no sentido do aumento. Trata-se de um processo autopropulsor de aceleração social, ancorado na relação paradoxal entre a aceleração técnica e do ritmo de vida.

¹³ Sobre a aceleração da mudança social como uma “contração do presente”, Rosa (2019) escreveu: “os horizontes de expectativa e de experiência devem ser constantemente corrigidos, os atores sociais se veem obrigados a manter o ritmo em face das transformações multidimensionais de seu meio e a desempenhar suas correspondentes capacidade adaptativas. Através disso, todas as posições imagináveis de repouso são erodidas: colocar-se em *estagnação* se torna inevitavelmente uma forma de *retrocesso*, não apenas na economia, mas em todas as dimensões da vida social. Por conseguinte, expande-se o escopo do *imprescindivelmente necessário*, dos esforços (de adaptação) a serem mobilizados, assim como a lista do *possível*: o tempo se torna escasso para os atores (e sistemas) sociais” (ROSA, 2019, p. 309 – grifo do autor).

A rigor, a função da aceleração técnica é economizar tempo, à medida que encurta os processos e libera recursos temporais. No entanto, o próprio desenvolvimento tecnológico apresenta aos indivíduos uma série de novas possibilidades e demandas sociais que lhes ocupam esse tempo livre. Por sua vez, a demanda por novas *“técnicas e tecnologias aceleratórias se tornam tanto maior quanto mais escassos se tornam os recursos temporais e, com isso, quanto maior for a aceleração do ritmo da vida”* (ROSA, p. 303 – grifo do autor). Esse círculo tem consequências: transforma a relação dos indivíduos com o espaço, com o tempo, com as coisas e com os outros, enfim, altera o ritmo e a constituição das subjetividades.

Nas sociedades altamente industrializadas, a expectativa de lucro de toda natureza, relacionada ao desejo de uma vida boa¹⁴, cria entre os indivíduos uma lógica de competição, que, por sua vez, instaura o medo da perda de prestígio. Nessa escalada, os sujeitos modernos se mostram sempre “descendo”, sendo necessária uma busca contínua por formas de melhorar suas posições. “Assim, nunca simplesmente ‘temos’ os recursos que precisamos; se não aumentamos, otimizamos e melhoramos, eles estão prestes a corroer, decair e diminuir” (ROSA, 2017, p. 444, tradução nossa).

Nas palavras de Elias (1993, p. 226), “a reflexão contínua, a capacidade de previsão, o cálculo, o autocontrole, a regulação precisa e organizada das próprias emoções (...) tornam-se precondições cada vez mais indispensáveis para o sucesso social”. Nessa perspectiva, considerando as características das sociedades urbano-industriais modernas, entende-se que o que leva um indivíduo a aumentar, de modo sistemático, o número de ações realizadas por unidade de tempo é o medo de sua estigmatização social. Para evitar que isso ocorra, tal qual nas sociedades de corte estudadas por Elias, os indivíduos precisam se adequar às demandas de suas redes

¹⁴ Sobre isso, Rosa (2017, p. 443 – tradução nossa) escreveu: “a sociedade moderna não pode não ter uma resposta para o que é a vida boa ou em que ela consiste, mas tem uma resposta muito clara para quais são as pré-condições para viver uma vida boa e o que fazer para encontrá-las. Garantir os recursos de que você pode precisar para viver seu sonho (seja lá o que for!) tornou-se o imperativo racional dominante na modernidade”. Na contramão de Rosa (2017), Elias (2006, p. 36) intencionalmente evitava a expressão “vida boa”, já que esta “traz à mente a imagem de um estado final e acabado”. Preferia, então, usar o termo “vida melhor”, em referência a “um processo social em cujo desenvolvimento as condições de existência tornam-se não exatamente ótimas, em sentido absoluto, porém superiores em comparação a uma fase anterior. Quando, para lavar e cozinhar, deixa-se de recolher água num poço a 10 minutos de distância e passa-se a recebê-la encanada, a vida das pessoas melhora” (ELIAS, 2006, p. 36). Entendendo que ambas definem um horizonte de expectativa, ao longo da problematização, as duas expressões foram empregadas, conforme o autor em referência.

de interdependência – no caso das sociedades modernas ocidentais, adquirindo uma subjetividade ancorada na lógica de aumento incessante.

Dada a precarização das relações de trabalho, decorrente da redução salarial, da perda de direitos trabalhistas e de benefícios indiretos como planos de saúde e vales alimentação, os indivíduos se veem cada vez mais impelidos a adequar-se às metas inatingíveis e ao intenso ritmo de trabalho:

A forte pressão de tempo somada à intensificação do controle ou da instrumentalização do medo à demissão conduzem à intensificação do trabalho. O aumento da competitividade também contribui para essa intensificação, além de (...) acarretar ressonâncias negativas para a sociabilidade e para a saúde mental (FRANCO; DRUCK; SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 231).

260

Esse medo de perder a competição social, de ser excluído (SCHIERMER, 2018) – ligado ao desejo de melhorar as pré-condições daquilo que cada indivíduo considera ser uma vida boa, de ter reconhecimento social –, conduzem a um ciclo escalatório de crescimento, aceleração e inovação de interesses. Nessa “roda-dohamster da vida moderna” (ROSA, 2017, p. 439, tradução nossa), ter sucesso social é realizar determinado trabalho em menor tempo. Assim, os seres humanos estão sempre fazendo mais e mais para permanecer no mesmo lugar.

Diante disso, se, conforme apontado por Elias (1998, p. 108), a operação de “determinação do tempo” consiste em “relacionar os sucessivos aspectos apresentados por pelo menos duas séries de acontecimentos, uma das quais é socialmente padronizada para servir de padrão de medida”, o contexto moderno de aceleração muda o referente de percepção temporal¹⁵. Sendo as mudanças sócio e psicogenéticas potencialmente mais velozes, faz-se necessário ponderar sobre os recortes temporais em investigações de processos civilizadores, de forma a utilizar o referencial teórico de Elias para analisar não apenas as mudanças no *habitus* em longa duração, mas também as céleres transformações cotidianas que asseguram a estabilização dinâmica.

A partir das considerações de Rosa (2017), depreende-se que a configuração da temporalidade nas sociedades modernas possui elementos que são interdependentes: as mudanças que a aceleração implica só podem ocorrer na

¹⁵ Por mais que a aceleração seja um processo social abrangente, existem processos “de desaceleração, de permanência ou de resistência a aceleração, que existem paralelamente ao aumento de velocidade” (MAIA, 2017, p. 126).

medida em que uma base social estável é mantida¹⁶. Nesse sentido, duas perspectivas abrem-se para as pesquisas de processos civilizadores: 1) estudar as questões estruturais que compõem o *habitus* de determinada figuração em longa duração – tal como Elias ensinou; 2) realizar investigações em recortes médios e curtos para compreender as relações de poder e práticas de resistência que permeiam as velozes transformações que a estabilidade dinâmica implica. Tanto em um caso quanto no outro, “são justamente as articulações entre o que foge e o que permanece que precisam ser compreendidas” (MAIA, 2017, p. 127) – afinal, processos mais amplos são produtos e produtores de durações relativamente mais curtas.

O debate acerca das durações vem se desenvolvendo desde a década de 1960, sob forte influência dos estudos do historiador Fernand Braudel. Ao tratar da dialética da duração, o autor afirmou que “Quer se trate do passado, quer se trate da atualidade, uma consciência nítida desta pluralidade do tempo social é indispensável a uma metodologia comum das ciências do homem” (BRAUDEL, 1965, p. 263). Entre as múltiplas durações, Braudel destacou três formas de concebê-las, de acordo com o intervalo de tempo adotado e as relações a serem investigadas:

À curta duração corresponde “o tempo curto, a dimensão dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões de nossas rápidas tomadas de consciência – o tempo por excelência do cronista e do jornalista” (BRAUDEL, 1965, p. 264). Refere-se aos acontecimentos do dia a dia, como a abertura de uma fábrica, um grande incêndio ou um acidente de carro. As perspectivas históricas mais tradicionais, que se ocupavam de “grandes acontecimentos”, operavam na curta duração. Todavia, novas formas de fazer e pensar História foram requisitando a ampliação das durações, a fim de que fosse possível observar os movimentos anteriores aos episódios. Assim, a média duração surgiu da necessidade de observar determinados fenômenos em uma escala temporal mais ampla. A análise da conjuntura pode abranger entre 10 e 50 anos e articula-se às estruturas econômicas, políticas e sociais. Para justificar o

¹⁶ Mesmo que tudo pareça estar sempre mudando, vários elementos permanecem iguais, visando a reprodução estrutural e a reificação do *status quo*. São elementos de manutenção apontados por Rosa (2017, p. 439, tradução nossa): “em primeiro lugar, a estabilização do tecido institucional básico da sociedade, em particular o sistema de mercado competitivo, a ciência, as instituições educacionais e de bem-estar, o sistema de saúde, bem como o quadro político e jurídico. Em segundo lugar, refiro-me às estruturas básicas da estratificação socioeconômica: a reprodução da hierarquia de classes e daquilo que Pierre Bourdieu (1979) denominou ‘frações de classe’. Em terceiro lugar, e talvez o mais importante, o *status quo* é definido pela lógica operacional de acumulação e distribuição: a lógica de acumulação de capital e os próprios processos de crescimento, aceleração, ativação e inovação”.

trabalho com essa duração, Braudel (1965, p. 267) escreveu: “As ciências, as técnicas, as instituições políticas, as ‘utilidades’ mentais, as civilizações (para empregar esta palavra cômoda) têm igualmente seu ritmo de vida e de crescimento”, possíveis de visualizar por meio da nova história conjuntural.

Por fim, para além dos ciclos e interciclos, o autor abordou também a longa duração, ligada aos aspectos estruturais que conformam uma sociedade. Ela está relacionada ao tempo lento, no qual as mudanças – de estilo, de atitude e de pensamento, entre outras – ocorrem lentamente. Segundo Braudel (1965, p. 271), os demais tempos da história são “compreendidos a partir desta profundidade, desta semi-imobilidade; tudo gira em torno dela”.

Dito isto, a proposição de durações diferentes para a compreensão dos processos civilizadores modernos está relacionada ao próprio processo de formação do *habitus*. Para Elias (1993, 2011), os elementos que compõem o *habitus* de dado grupo ou nação são reimplantados em cada novo membro, norteando sensibilidades e ações. Esse padrão de comportamento coletivo – do qual a concepção de tempo é parte integrante – é interiorizado, ao longo de toda a vida, por meio de um conjunto de pressões externas. Assim, desde a infância um indivíduo é coagido pelas diversas redes de interdependência de que faz parte a adequar suas manifestações emocionais às demandas desses círculos sociais. Sentar “direito”, comer da forma “correta”, agir de maneira “civilizada” são alguns casos ilustrativos de tais pressões¹⁷.

Diante do desejo de sucesso social¹⁸ e do medo da degradação, os homens e mulheres modernos acabam desenvolvendo a capacidade de se antecipar às demandas, o que as permite refrear impulsos momentâneos visando ganhos futuros. Nessa perspectiva, a manifestação de um comportamento socialmente adequado exige uma espécie de atuação, uma “dissimulação relativamente permanente e eficaz dos impulsos emocionais momentâneos, como meio de sobrevivência e êxito social”. Quando adulto, o indivíduo descobre que “aquelas feições desenvolvidas por ele a princípio como uma dissimulação consciente tornam-se parte integrante de seu próprio rosto” (ELIAS, 2001, p. 242), conformando uma segunda natureza. Foi pautada nessas considerações que Vieira (2020) propôs a existência de três níveis

¹⁷ A utilização dos termos entre aspas tem relação com o fato de que não há nada que não possa ser feito de maneira “civilizada” ou “incivilizada”, “certa” ou “errada”, uma vez que tais conceitos implicam um julgamento de valor a partir de um referente temporal/comportamental determinado.

¹⁸ Vale ressaltar que todas as relações sociais implicam relações de poder, que estabelecem padrões e determinam o que é “sucesso social”.

interdependentes de apresentação comportamental: a adequação, a segunda natureza e o *habitus*.

A adequação comportamental refere-se ao rápido controle comportamental mediante uma pressão externa inescapável. Como exemplo ilustrativo, é possível citar um desempregado que acabou de iniciar em um novo trabalho: de um dia para o outro terá que organizar seus horários, sua apresentação pessoal e seu vocabulário conforme as demandas de seu novo empregador. Inicialmente, talvez cometa equívocos; no entanto, ao longo da partilha social dos saberes concernentes àquela figuração, as diferenças serão suavizadas à medida que os constrangimentos externos forem internalizados e automatizados. A transformação das coações externas em autocoação produz alterações na personalidade individual durante toda a vida, configurando o que Elias chamou de segunda natureza. Os itens dessas pressões sociais são decorrentes do fundo de conhecimento comum e dos *habitus* da figuração em questão. A formação de uma segunda natureza ilustra, portanto, “a maneira como o processo civilizador contribui para formar os *habitus* sociais que são parte integrante de qualquer estrutura de personalidade” (ELIAS, 1998b, p. 14) (VIEIRA, 2020, p. 28).

Diante dessas três possibilidades de transformação comportamental, Elias estudou, em especial, os processos históricos que levaram à constituição do *habitus* em dada figuração. Para citar um exemplo, em *Os Alemães* “A questão central de Elias consistiu em entender como a história de uma nação, ao longo dos séculos, sedimentou-se no *habitus* de seus membros considerados individualmente” (BARROS, 1998, p. 145). Para tentar entender o nazismo, o autor adotou uma perspectiva de longa duração, uma vez que o *habitus* – com manutenções, segregações e/ou inovações em seu conteúdo – é transmitido de geração em geração. Segundo os postulados eliasianos, para investigar esse tipo de processo social, ou seja, “transformações amplas, contínuas [...] de figurações formadas por seres humanos [...] em uma de duas direções opostas”, é necessária a adoção de um recorte temporal de longa duração, “em geral não aquém de três gerações” (ELIAS, 2006, p. 27-28, grifo do autor).

No caso do estudo realizado por Vieira (2020), no qual a autora utilizou diferentes temporalidades para a investigação de aspectos dos processos civilizadores, as pesquisas em curta duração, que objetivaram compreender os processos de adequação comportamental, permitiram observar o que por amostragens em longa duração talvez não fosse possível: avanços e retrocessos,

microprocessos coercitivos¹⁹ e resistências cotidianas. Já as pesquisas em média duração, que analisaram elementos das pressões externas e de sua individualização, permitiram compreender as transformações que implicaram a formação de uma segunda natureza. De maneira complementar, os estudos de Vieira (2020) permitiram compreender aspectos mais amplos dos processos civilizadores apontador por Elias²⁰. Isso foi possível mediante a adoção de uma “perspectiva de longa duração na abordagem histórica” (GEBARA, 2019, p. 343). Nesse sentido, as investigações de processos civilizadores podem estar inscritas em um tempo médio ou curto, desde que adotem uma perspectiva processual na compreensão dos fenômenos investigados.

O emprego de recortes de curta e média durações, além de possibilitar a compreensão de processos de rápido desenvolvimento, permite conhecer aspectos sócio e psicogenéticos ainda não estudados – para posteriormente empreender esforços de maior duração²¹. Por mais que “as relações sociais correntes [...] [sejam] apenas um momento em um processo de longa duração, que leva do passado, passando pelo presente, ao futuro” (ELIAS, 2006, p. 199), entende-se também como fundamental a investigação de processos intermediários, que contribuíram para o direcionamento de desenvolvimentos mais amplos.

Além da possibilidade de utilização de durações variadas para contemplar aspectos diferentes da apresentação comportamental (adequação, segunda natureza e habitus), a aceleração social nas sociedades modernas tem contribuído para a redução do período necessário para a própria observação de processos civilizadores – considerando as céleres mudanças geracionais. De acordo com Maia (2017, p. 123), a aceleração nos modos de vida “sofreu mudanças significativas: de um ritmo intergeracional, no início da modernidade, passa a geracional, na modernidade clássica, e a intrageracional na modernidade tardia” – o indica que o tempo para a

¹⁹ Os microprocessos coercitivos – ou compulsões desarmadas, conforme denominou Elias (1993) – são pressões ausentes de violência física continuamente exercidas sobre as pessoas, que produzem mudanças em suas personalidades no sentido de uma apresentação comportamental cada vez mais diferenciada, uniforme e estável.

²⁰ Ao apresentar sua pesquisa sobre a sociedade de corte como um modelo para a análise de processos civilizadores, Elias (2011) indicou as diretrizes para este tipo de investigação: 1) estudar os significados e entendimento dado ao conceito de civilização na figuração investigada; 2) elucidar como o comportamento e a vida das pessoas naquela sociedade mudaram; 3) esclarecer como e por que ocorreram tais transformações sócio e psicogenéticas.

²¹ Como exemplo é possível citar a história de municípios jovens, onde as pesquisas sobre seus diferentes aspectos políticos, econômicos, sociais e temporais ainda não foram estudados. Sem tais investigações, pesquisas em longa duração seriam um grande desafio.

observação de mudanças na constituição sócio e psicogenéticas tem sido reduzido no decurso do próprio processo civilizador.

A título de exemplo, é possível citar as céleres transformações nas formas de comunicação e/ou namoro nos últimos dez anos. Cada vez mais mediadas pela internet, os sucessivos aparelhos e aplicativos lançados requisitam de seus usuários rápidas modificações comportamentais – não apenas em relação ao modo de operar a máquina, como também em relação aos códigos sociais que o uso dessas redes implica. Nesse sentido, as considerações de Elias sobre a necessidade de recortes temporais superiores a três gerações para a análise das mudanças no *habitus* das figurações seguem válidas para a investigação de processos civilizadores modernos. No entanto, o período de abrangência de cada geração deve ser ponderado em relação à perspectiva temporal da figuração investigada.

À época de Comte, considerava-se que o tempo médio de duração de uma geração era de aproximadamente 30 anos – posto que a visão positivista adotava critérios de caráter biológico para tal classificação (WELLER, 2010). A partir de Mannheim, do qual Elias foi assistente e colega em Frankfurt nas décadas de 1920 e 1930, a duração de uma geração passou a ser mensurada pelo seu caráter qualitativo, levando em consideração o fenômeno da contemporaneidade (mesmas influências culturais e político-sociais).

Dada a tendência de aceleração social nas sociedades modernas, entende-se que um conjunto de experiências partilhadas entre os indivíduos pode ser alterada de forma cada vez mais veloz, o que implica na redução período necessário para a observação de mudanças geracionais. Nesse sentido, o recorte temporal recomendado por Elias no estudo dos processos civilizadores não deve ser fixado por antecipação (mínimo de 90 anos, considerando os postulados positivistas sobre gerações). São as especificidades sócio e psicogenéticas em determinado tempo e espaço que conformam as diferentes gerações.

Sobre essa questão, é importante frisar que a própria concepção de Elias em relação ao recorte correspondente à longa duração não era definida *a priori*. Na fase inicial de suas pesquisas, especificamente em *O processo civilizador*, o autor estudou as mudanças ocorridas na Europa Ocidental do século XI ou XII até o XVII e XVIII, decorrentes de transformações nas relações entre comportamento e poder. Já no final de sua trajetória intelectual, em 1986, o autor reafirmou a necessidade da longa

duração abarcando ao menos três gerações, e adotou um recorte temporal de 27 anos para analisar a relação entre mortes nas estradas e a efetividade de padrões sociais de autorregulação (ELIAS, 2006). Observando os diferentes problemas investigados e recortes empregados por Elias em sua obra, é possível afirmar que o sociólogo estava atento às especificidades de seus objetos de análise – admitindo, inclusive, a adoção de pequenos recortes no “estudo de processos de duração relativamente curta” (ELIAS, 1998, p. 45).

Nesse sentido, os pesquisadores que adotam o referencial teórico-metodológico de Elias devem estar atentos às características da formação investigada – incluindo aí a concepção de tempo inerente a esta. Afinal, o que distingue recortes temporais de curta, média ou longa duração (talvez nem tão longa assim, no contexto das sociedades contemporâneas cada vez mais aceleradas) tem relação com o aspecto civilizador que se pretende investigar, os objetivos propostos para tal e as fontes utilizadas. É importante, no entanto, fazer uma ressalva: independente do recorte temporal, este tipo de pesquisa deve sempre ser desenvolvido sob uma perspectiva processual – característica marcante da sociologia eliasiana.

Considerações finais

Embora Norbert Elias não tenha abordado diretamente a aceleração social e/ou dos processos civilizadores, deixou em sua obra indícios dessa tendência. Ao abordar o processo de tecnização, escreveu: “Inicialmente, desenvolveu-se num ritmo mais lento, uma vez que os seres humanos pouco sabiam do mundo ao seu redor. Contudo, acelerou-se, à medida que se foi conhecendo a natureza inanimada” (ELIAS, 2006, p. 36). Conforme os saberes foram sendo mobilizados em busca de uma vida melhor, os processos de desenvolvimento tornaram-se mais velozes:

Li, certa vez, a história de um grupo de pessoas que subia cada vez mais alto pelo interior de uma torre desconhecida e muito elevada. Os da primeira geração chegaram até o quinto andar, os da segunda, até o sétimo, os da terceira até o décimo. No correr do tempo, seus descendentes atingiram até o centésimo andar (ELIAS, 1998, p. 108).

Tal aceleração têm implicado em transformações contínuas nas principais esferas da vida social, alterando a própria percepção temporal – e conseqüentemente o número de ações realizadas por unidade de tempo. Sendo a sociedade moderna

marcada pela estabilização dinâmica (ROSA, 2017, p. 439, tradução nossa), esta “só pode estabilizar sua estrutura através de algum tipo de aumento – regularmente, através do crescimento (econômico), da aceleração (tecnológica) e/ou taxas mais elevadas de inovação (cultural)”. Na tentativa de consolidar o sistema de mercado competitivo, reproduzir as hierarquias de classe e manter a lógica de acumulação de capital, os imperativos de crescimento constante extrapolam a esfera econômica, passando a fazer parte da constituição psicológica das pessoas – já que, visando evitar qualquer tipo de degradação social e alcançar os requisitos considerados necessários para uma boa vida, os indivíduos sentem que precisam adequar seus comportamentos aos imperativos modernos de aceleração.

Nesse sentido, se as demandas da vida moderna são regidas pela lógica da produtividade, maior número de atividades acaba sendo realizado em menor tempo (ROSA, 2017). Essa aceleração social tem potencialmente reduzido a duração dos processos de civilização, já que a internalização de um comportamento socialmente aceitável ocorre em interdependência com a própria noção socialmente construída de tempo – razão pela qual o conceito de geração não apresenta limites temporais rígidos, devendo responder às características histórico-sociais de sua época.

A discussão sobre a noção de tempo em Elias, articulada ao contexto de aceleração experienciado nas sociedades modernas, permitiu problematizar as temporalidades de análise de processos civilizadores. Com recurso às obras de Elias (1993, 2011) e Rosa (2017, 2019), acrescidos de comentários e exemplos empíricos de outros pesquisadores, foram apresentadas possibilidades de investigações de aspectos de processos civilizadores em curta e média duração, para investigar a adequação comportamental e a formação de uma segunda natureza, respectivamente. Já para estudar o *habitus* em sociedades modernas que carregam em si a marca da aceleração, a longa duração deve ser problematizada, tendo seu marco temporal definido – tal como fez Elias em sua vasta obra – de acordo com as especificidades do elemento civilizador investigado.

Referências

BARROS, J. A. **A interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias**. *MANA*, Vol. 4, N. 1, Rio de Janeiro, 1998, p. 141-152.

BRAUDEL, F. **História e Ciências Sociais: A longa duração**. Revista de História, ano 16, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422/119736>. Acesso em 22 out. 2021.

CHARTIER, R. **Formação social de “habitus”**: uma leitura de Norbert Elias. In: CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Difusão Editorial, 1988, p. 91-118.

CHARTIER, R. Prefácio. In: ELIAS, N. **A sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 7-25.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 8-307.

ELIAS, N. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 7-165.

ELIAS, N. **A sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 7-312.

ELIAS, N. *Escritos & ensaios*. Vol. 1: **Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p. 7-238.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 9-262.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. **As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado**. *Rev. bras. Saúde ocup.*, São Paulo, 35 (122): 229-248, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/TsQsX3zBC8wDt99FryT9nnj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2021.

GEBARA, A. **Editorial Educação e civilização**. *Rev. educ. PUC-Camp.*, Vol. 24, N. 3, Campinas, 2019, p. 339-343.

MAIA, A. F. **Aceleração**: reflexões sobre o tempo na cultural digital. *Impulso*, Vol. 27, N. 69, Piracicaba, 2017, p. 121-131. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/3370/2021>. Acesso em: 21 out. 2021.

PALERMO, L. C. **A aceleração do tempo e processo histórico em Reinhart Koselleck e Timothy Brook**. *Transversos: Revista de História*, N. 09, Rio de Janeiro, 2017, p. 300-325. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/download/27375/20246#:~:text=%C3%89%20nesse%20sentido%20que%20Koselleck,tempo%20numa%20vis%C3%A3o%20de%20processo>. Acesso em: 21 out. 2021.

REVEL, J. **Micro-história, macro-história**: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, Vol. 15, N. 45, 2010, p. 434-444. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

ROJAS, C. A. A. **Norbert Elias**: historiador y crítico de la modernidad. *Diálogos*, DHI/UEM, Vol. 2, N. 1, Maringá, 1998, p. 1-27. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/37478>. Acesso em: 21 out. 2021.

ROSA, h. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais da Modernidade. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

ROSA, H. **Dynamic Stabilization, the Triple A. Approach to the Good Life, and the Resonance Conception**. *Questions de communication*, N. 31, 2017, p. 437-456. Disponível em: <https://journals.openedition.org/questionsdecommunication/11228>. Acesso em: 21 out. 2021.

269

SCHIERMER, B. **Acceleration and Resonance**: An interview with Hartmut Rosa. 2018. Disponível em: https://www.uni-erfurt.de/fileadmin/public-docs/Max-Weber-Kolleg/10_Sonstige/Rosa_Interview_Acta_Sociologica.pdf. Acesso em: 18 jan. 2020.

VIEIRA, A. F. B. **Jornalismo e a duração dos processos civilizadores**: análise da adequação comportamental e da formação de uma segunda natureza em Monte Alegre – PR (1942- 1964). 2020. 217f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

VOSTAL, F. **Towards a social theory of acceleration**: Time, modernity, critique. *European Journal of Social Sciences*. v. 52, n. 2, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ress/2893>. Acesso em: 21 out. 2021.

WELLER, W. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, mai./ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/pYGppjZyvTjJH9P89rMKHMv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.